

Sobre a malévola faculdade: a palavra

Iasmim Santos Ferreira*

Universidade Federal de Sergipe – UFS

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo se debruçar sobre a crônica “A reforma pelo jornal”, do escritor Machado de Assis, sob a perspectiva da linguagem poética. Para tanto, amparamo-nos nos estudos teóricos de Benedito Nunes (1989), Octavio Paz (2013) e Theodor Adorno (1983). Machado defende a palavra poética veiculada pelo jornal, o meio mais difuso da época, engendrando discussões sobre a linguagem, o fazer poético e o acesso à literatura, sendo assim uma crônica que versa sobre a “malévola faculdade”: a palavra, portanto, metapoética.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica machadiana. Linguagem. Metapoética.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyse the story “A reforma pelo jornal” by Machado de Assis from the perspective of poetic language. For this purpose, we rely on the theoretical studies of Benedito Nunes (1989), Octavio Paz (2013), and Theodor Adorno (1983). Machado defends the poetic tone conveyed by the newspaper, the most diffuse medium of that period, which engenders discussions about language, the poetic practice, and access to literature, thus being a story that deals with the “malevolent faculty”, that is, metapoetics.

KEYWORDS: Machadian chronic. Language. Metapoetic.

Horizontes machadianos: filosofia e linguagem

Joaquim Maria Machado de Assis, o grande nome do realismo brasileiro, tem uma vasta produção de romances, contos, poemas, crônicas, teatro, miscelânea e crítica. Tornou-se conhecido por sua prosa, especialmente por seus romances e contos. Sua obra pode ser lida por muitos vieses, como já provou a crítica: social, filosófica, histórica, política. O bom crítico escolhe uma lente para melhor se posicionar e visualizar com precisão analítica uma obra, ciente das limitações da crítica, mas posicionando-se como um modo de percepção.

À vista disso, poderíamos ter diversos pontos de vista para tratar da crônica “A reforma pelo jornal”, publicada originalmente em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 23/10/1859, optamos por vê-la como um tratado sobre a linguagem literária veiculada pelo jornal, considerando-o como o meio mais difuso de literatura, naquela época. Essa discussão coaduna com a da crônica “O jornal e o livro”, publicada no mesmo ano. As duas crônicas sinalizam para nós, leitores e críticos, horizontes para estudos que versam sobre filosofia e linguagem.

* iasmimferreira20@gmail.com

Recebido em 15/04/2020
Aprovado em 31/08/2020

A filosofia em Machado reside entre o pessimismo e o humor, como ele mesmo diz nas *Memórias Póstumas* com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (2015, p. 599). A despeito disso, o crítico Benedito Nunes, em “Machado de Assis e a filosofia” (1989, p. 7), compreende sua visão de mundo como desventurada da existência, estabelecendo ligações com o pessimismo de Schopenhauer. Para Nunes, “a filosofia de Machado de Assis é inseparável da forma narrativa de seu discurso” (1989, p. 10). Assim, o modo como o seu discurso é organizado não só diz sobre sua filosofia, mas é em si filosofia também, digamos que um só construto. A seu ver, Machado

estabelece relações lúdicas com a filosofia. Antes de mais nada um pensamento que ri da filosofia, coisa rara entre filósofos de vocação e profissão. Terá sido, por isso, irônica até a mordacidade a sugestão de Nietzsche para que se tentasse classificar os filósofos de acordo com a qualidade de seu riso. Machado, que não foi filósofo, alveja a filosofia com riso zombeteiro ou irônico no conto, no romance e até mesmo na crônica (NUNES, 1989, p. 10).

Por esse prisma, Benedito Nunes observa que as chamadas filosóficas da prosa machadiana são efetuadas por meio do uso do humor e numa posição que zomba da própria filosofia, “um pensamento que ri da filosofia”; o que Nietzsche considera ser o meio para classificar os filósofos, o riso. No entanto, Machado não foi um filósofo, e sim um escritor que soube verter riso e filosofia numa interseção zombeteira e irônica.

Essa forma zombeteira surgiu com Menipo de Gadara, a chamada sátira menipeia. Fonte recorrida por Luciano de Samósata, sírio helenizado que viveu no século II d. C., principal sucessor dessa linhagem. Os escritos de Menipo não chegaram até nós, somente os de Luciano, que não só dá prosseguimento à tradição como também extrapola os limites da ficção, elevando-a ao patamar do que nunca poderia acontecer, abolindo a fronteira estabelecida por Aristóteles, a qual reserva, à história, o horizonte do que aconteceu e, à literatura, do que poderia acontecer, do verosímil. Por isso, os críticos Brandão (2001) e Sá Rego (1989) denominam uma “tradição luciânica”¹, já que Luciano não se limitou a reproduzir Menipo, e é dele que Machado apreende a junção do diálogo filosófico à comédia.

Não se trata de uma sátira com fins morais, mas de uma troça de tudo e todos, na qual o escritor questiona a vaidade humana e mostra a condição finita da existência. A exemplo, *O Diálogo dos mortos*, no qual Luciano traz a sua fonte de referência como personagem, Me-

1. Segundo Sá Rego (1989), Diogenes Laércio é a fonte principal que registra durante o século III algumas linhas sobre Menipo. Dois escritores deram seguimento a essa sátira: o romano Terêncio Varão e o sírio helenizado Luciano; esse último fez repercutir a tradição. Sá Rego também pontua que houve duas tradições distintas para a sátira nessa época: a romana e a menipeia. A primeira era reconhecida pelo verso hexâmetro e tinha fins morais. A segunda não tinha nenhuma especificação métrica e nem pretensões morais. Vale mencionar que Mikhail Bakhtin (2010) recupera a sátira menipeia quando escreve sobre a carnavalização, no entanto não atribui real valor a Luciano, apenas o considera um reproduzidor da sátira apreendida via Menipo.

nipo de Gadara, e esse zomba de todos: reis, príncipes, guerreiros, filósofos, retores, deuses, sacerdotes; ataca ferozmente todo e qualquer sistema de sociedade que alimente a vaidade. Machado se alinha à tradição luciânica, reproduzindo com humor e filosofia a junção feita por seu mestre entre a filosofia e a comédia. A obra de Luciano é perpassada pelo sério-cômico e, conseqüentemente, a de Machado pelo riso e melancolia, como já observaram os estudiosos: Rouanet (2007) e Sá Rego (1989).

Destarte, “é a própria filosofia que se trivializa e deixa-se usar como instrumento de prestígio social” (NUNES, 1989, p. 10). A filosofia que se permite trivializar, segundo o crítico, seria o modo como Machado traz filosofia em seus escritos. Se pensarmos nas crônicas, que apresentam desde um fato do dia a dia como a utilização do bonde até o porquê fazer crônica (desaguando em questões da linguagem poética), notaremos que Machado traz a filosofia entremeada de humor. É uma ligação do pequeno e simples com o grande e complexo; do trivial com o prestigiado socialmente. Nas palavras de Benedito Nunes: “no domínio da atitude lúdica risonha relativamente à rainha das ciências nos reservam as crônicas” (1989, p. 11).

Sob o lúdico, a filosofia flutua sobre o *folhetim*. O olhar da crítica literária ainda pouco se volta às crônicas machadianas, quiçá pelo fato de ser uma produção destinada ao jornal. Todavia, os estudos de Brayner (1982), Cardoso (1992) e Candido (1992) apontam para a importância desse gênero. Brayner chega a considerá-lo o laboratório da produção de Machado. Nas próximas linhas deste trabalho, trazemos as contribuições de Benedito Nunes (1989), Octavio Paz (2013), Theodor Adorno (1983), Brandão (2001), Bakhtin (2002), Sá Rego (1989) e Rouanet (2007), a fim de melhor refletir a relação filosofia e linguagem na crônica “A reforma pelo jornal”, de Machado de Assis.

Discussões sobre a linguagem a partir de “A reforma pelo jornal”

Em “A reforma pelo jornal”, o cronista inicia a discussão defendendo o seu tema, como já mostra o título que a crônica recebe, enaltecendo o jornal ao patamar de grande benefício à população, já que o jornal “fez tremer as aristocracias mais do que os movimentos populares” (ASSIS, 1859, p. 1).

Assim como noutras crônicas, Machado mostra-se bastante consciente do seu papel enquanto cronista, reconhece os limites da crônica no jornal, devido a delimitação do espaço e a produção corriqueira, restando pouco tempo para a reflexão. Noutra crônica, intitulada pela data de “30 de novembro de 1862”, o autor troça com isso, dizendo que a crônica é “escrita a todo vapor para atender as exigências da tipografia” (ASSIS, 1862, p. 6). Às vezes reconhece não haver assunto para tratar, então faz da falta de assunto, um assunto. Machado acredita na crônica como um gênero de maior alcance em diferentes camadas sociais daquela época, mostra a sua crença ao defender o jornal como um meio que pode difundir novos ideais. Logo,

“ O jornal que tende à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências, de aspirações” (ASSIS, 1859, p. 1).²

Não se trata de uma discussão sobre a crônica apenas, mas de um diálogo que se aprofunda e desemboca em questões que dizem respeito à linguagem e ao fazer poético. À medida que reflete sobre a linguagem e o trabalho do cronista, Machado constrói uma crônica meta-poética. O cronista afirma que

Todas as coisas estão em gérmen na palavra, diz um poeta oriental. Não é assim? O verbo é a origem de todas as reformas.

Os hebreus, narrando a lenda do Gênesis, dão à criação da luz a precedência da palavra de Deus. É palpante o símbolo. O fiat repetiu-se em todo caos, e, coisa admirável! Sempre nasceu dele alguma luz (ASSIS, 1859, p. 2).

Compreendamos a palavra poética como sinônimo de poesia, a qual para Benedito Nunes, em *Passagem para o poético* (2012), trata-se da nomeação das coisas. Por esse prisma, a poesia existe para nomear o que há no mundo, o próprio mundo e a nós; somos todos nomeados pela palavra poética, e não pela palavra desgastada do dia a dia. Em seu dizer: “a palavra poética dimensiona o mundo e o próprio homem” (NUNES, 2012, p. 255).

O cronista estabelece um paralelo com a narrativa bíblica para trazer à tona o poder da palavra, que coaduna com a nomeação das coisas como mencionado anteriormente, contudo não é a palavra pela via mítica do mero dizer, mas a compreensão da palavra como signo perpassado de ideologias. Não é a palavra que dá início a tudo, embora evoque o Gênesis; evocou-o como “lenda” para o transportar a outro sentido, não o de nomear e dar vida, mas para apontar as reformas: “O verbo é a origem de todas as reformas”. Não a utiliza como um dizer instaurador e sim, como um símbolo para redirecionar as coisas, o mundo, e, portanto, a vida.

Machado inverte a relação da história com a crônica. Esse gênero tem relações com a história, pois existiram cronistas que se dedicaram ao registro de acontecimentos. Até mesmo no jornal, a crônica estabelece um diálogo com a história para falar do corriqueiro. Para nosso cronista não é a crônica que registra a história, mas a história que semelhante à crônica, registra a palavra: “A história é a crônica da palavra”. Para Benedito Nunes, “A historilidade da arte deriva da linguagem, em que a verdade se produz originariamente, pela irrupção do ser

2. No mesmo parágrafo que se encontra o excerto que apresentamos acima, Machado toca noutra temática recorrente em sua obra, o parasitismo: “Com o jornal eram incompatíveis esses parasitas da humanidade, essas fofas individualidades de pergaminho alçado e leitões de brasões” (ASSIS, 1859, p. 1). O cronista se dispõe a defender o jornal, elevando-o em comparação ao livro, no que tange à difusão em sociedade. A seu ver, no jornal não há espaço para os parasitas como nos livros, dado ritmo da produção, quase sempre semanal. Vale lembrar que em muitos dos escritos machadianos há a figura do parasita, a saber nas crônicas “Parasita I”, “Parasita II” (da série *Aquarelas*, 1859), no conto *A Parasita Azul* (1872), e na crônica “A reforma pelo jornal” há uma menção. O tema do parasitismo é discutido pelo sírio helenizado Luciano de Samósata no diálogo *O Parasita*. Machado estabelece amplo diálogo com os escritos luciânicos, pelo uso de características e temáticas, e também pela interlocução direta com o texto luciânico, como faz em “Parasita I”, no qual trata do mesmo tipo de parasita que Luciano aborda em seu diálogo. Em nossa percepção, Machado atualiza o retrato do parasita em nossa sociedade. No caso dessa crônica, o autor sinaliza um espaço em que há menos possibilidades dos parasitas adentrarem.

na palavra e enquanto palavra” (NUNES, 2012, p. 252). Portanto, não é a história que respalda a palavra, mas a palavra que respalda a história, no caso da palavra poética, não para firmar a historicidade de acontecimentos, mas como outro modo de ficção que toca a história, sem ter a pretensão de tocá-la. É a linguagem a âncora na qual as ficções, a literatura e a história, têm sua matéria-prima para trabalhar.

Desse modo, Machado toma a palavra numa dimensão da condição que nos faz pertencer à humanidade: a condição de ser humano é usar a palavra. Como é próprio da tradição luciânica evocar a história e a tradição para um amplo diálogo, Machado cita o grande líder hebreu, Moisés; o orador ateniense, Demóstenes; a figura central do cristianismo, o Cristo; um precursor da reforma protestante, Huss; um orador e ativista da Revolução francesa, Mirabeau; os quais o cronista chama de “bocas eloquentes”. Vejamos o excerto abaixo.

A história é a crônica da palavra. Moisés, no deserto; Demóstenes, nas guerras helênicas; Cristo, nas sinagogas da Galiléia; Huss, no púlpito cristão; Mirabeau, na tribuna republicana; todas essas bocas eloquentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o fiat multiplicado levantado em todas as confusões da humanidade. A história não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro. Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão (ASSIS, 1859, p. 2).

Machado se apropria da construção simbólica da palavra no Gênesis. Não para tomá-la como iniciante, mas como sinônimo de reforma. Sob esse prisma, “a palavra foi sempre uma reforma”. O autor não só mostra como a palavra foi utilizada pelas “bocas eloquentes” com diferentes objetivos, mas também conduz o leitor à percepção da grandiosidade da palavra, e nesse caso, da palavra poética. Poderíamos chamar “A reforma pelo jornal” de “A defesa da crônica”, pois enfatiza que a palavra no jornal adquire maior potência, deixando de ser “monólogo” para ser “discussão”. A palavra no jornal referencia os seus escritos ali, que são crônicas. E essas, por sinal, são convidativas à reflexão. O leitor é sempre tirado do seu lugar comum para ser arrancado pela inteligência machadiana, que o convida a refletir, como observa o estudioso Jacyntho Lins Brandão em “A Grécia de Machado” (2001, p. 6).

A nosso ver, Machado não está dispondo os gêneros discursivos numa hierarquia, visto que produziu também conto, romance, crítica, miscelânea, poesia. Contudo, mostra-se crença no poder de difusão do jornal, mais do que o do livro; da crônica como “um pão” para o trabalhador (como veremos mais adiante), por ser um texto leve, capaz de tocar o leitor pela linguagem corriqueira, a crônica é, então, uma discussão.

E o que é a discussão?

A sentença de morte de todo o *status quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma coisa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda. Ora, a discussão, que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade (ASSIS, 1859, p. 2).

Como se vê no fragmento acima, Machado conceitua a discussão como “a sentença de morte dos falsos princípios dominantes”, pois a discussão é o diálogo aberto, é a conversa, que ele defende haver no texto do jornal. Eis uma disparidade com a “organização desigual e sinuosa da sociedade”. Convidando-nos a outras reflexões: Se o jornal tem a palavra poética que é em si mesma reforma e discussão, não haveria assim um desconchavo com a sociedade estratificada? Então,

Examinemos.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela argüição de fatos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa.

Malévola faculdade — a palavra! (ASSIS, 1859 p. 2).

Digamos, assim, que a citação acima constitui a parte alta da crônica em questão, uma espécie de “clímax”, no qual Machado leva-nos a conceber a palavra no jornal como um “pão” para o espírito do trabalhador, como “o derramamento fácil em todos os membros do corpo social”. A palavra que se derrama sobre os seres humanos é uma espécie de cobertura, de alento. Segundo Benedito Nunes, “O poeta é aquele que perfura os mananciais, tomando os vocábulos como palavras dizentes. Seu caminho não vai além das palavras; ele caminha entre elas, de uma a outra, escutando-as e fazendo-as falar” (NUNES, 2012, p. 254). Assim como o poeta, o cronista, a seu modo, faz uso da palavra como matéria-prima com fins literários e humanizadores. Ele precisa ouvir as palavras e fazê-las falar em seu *folhetim* para dar o “pão” que alimenta o espírito do “operário”, como diz nosso cronista.

Atrelado a essa perspectiva de ouvir as palavras, o filósofo e sociólogo Theodor Adorno, em “Lírica e Sociedade” (1983), apreende a linguagem como a voz do sujeito. À medida que o eu está esquecido na linguagem, faz-se presente, não como nos falares cotidianos, mas numa não-presença que redundando em presença pela linguagem, que é inerente ao sujeito e é a condição primária de fazê-lo ser sujeito. Embora Adorno esteja voltado à lírica, apropriamo-nos da concepção de palavra poética, que compreende a poesia e a prosa.

[...] só é a própria linguagem quem fala quando ela não fala mais como algo alheio ao sujeito, mas como sua própria voz, onde o eu se esquece na linguagem, ali ele está inteiramente presente; caso contrário a linguagem convertida em abracadabra sagrado, cairia sob a coisificação do mesmo modo que no discurso comunicativo (ADORNO, 1983, p. 199).

À luz disso, pensemos também sobre os questionamentos sociais. Como afirma Adorno: “Conceitos sociais não devem ser trazidos de fora às formações líricas, mas ser hauridos da rigorosa intuição delas mesmas” (1983, p. 194). Assim sendo, não podemos analisar o literário pelo externo, social meramente, e sim perceber como o literário entrevê o social dentro do texto e, a partir disso, fiar as conexões. Essa postulação do crítico faz-nos lembrar do que propõe Antonio Candido, na chamada crítica dialética, que visa analisar elementos estruturais e como estes respondem à problemática social.

Vale mencionar que, para Adorno, mesmo o não social é social e talvez mais social do que os textos que são classificados assim. No entanto, nosso interesse é pelas suas considerações sobre a linguagem, e essa é vista por ele como mediadora entre o fazer poético e a sociedade. A língua poética não fala como a linguagem corriqueira, não está fora da dimensão concreta de sociedade, mas parte dela para falar de si enquanto linguagem e para falar da sociedade, portanto,

A linguagem estabelece a medição entre lírica e sociedade no que há de mais intrínseco. Por isso a lírica se mostra mais profundamente garantida socialmente ali onde não fala segundo o paladar da sociedade, onde nada comunica, onde, ao contrário, o sujeito, que acerta com a expressão feliz, chega ao pé de igualdade com a própria linguagem, ao ponto onde esta por si mesma, gostaria de ir (ADORNO, 1983, p. 198).

Cientes da relação entre a palavra poética e a sociedade, percorramos com Machado as passadas que ele discute a linguagem poética e as condições sociais. Atentemos para o uso da expressão “operário”, que certamente não foi utilizada desprovida de motivação. Nosso autor está inteirado das novas correntes que invadem o pensamento nos séculos XIX e XX, dentre elas o marxismo: a mais-valia, o operariado, o capital. Não é o homem culto brasileiro que precisa da palavra poética no jornal, mas o operário, o trabalhador; aquele que só tem acesso à palavra por ali. Não como fruição apenas, mas como reforma. Visto que conduz a reflexão e a reflexão ao braço que se ergue, do braço erguido à invasão do palácio, do palácio ao sistema derrocado, do sistema derrocado ao princípio, do princípio à reforma. Essa cadeia de ações seria desembocada pela palavra. Estamos, portanto, diante da “Malévola faculdade – a palavra!”. Ela é o instrumento que alimenta a humanidade, mas também, e sobretudo, que a faz humana, que a humaniza; reverbera reforma, mudança, para então, ciclicamente, humanizar-se.

Acerca da linguagem, embora centrado na discussão sobre poesia, o crítico Octavio Paz faz uma reflexão sobre a linguagem, diz:

Se a poesia foi a primeira linguagem dos homens – ou se a linguagem é, em sua essência, uma operação poética que consiste em ver o mundo como uma malha de símbolos e de relações entre esses símbolos -, toda sociedade está edificada sobre um poema; se a revolução da idade moderna consiste no movimento de volta da sociedade à sua origem, ao pacto primitivo dos iguais, essa revolução se confunde com a poesia (PAZ, 2013, p. 67).

Nessa direção, a linguagem poética é a essência da linguagem em si, que nos permite visualizar o mundo com um construto de “símbolos” que se relacionam e formam poemas, num movimento que nos leva à busca da origem das coisas e se traduz numa revolução, que Paz diz ser confundida com a poesia. Salientamos que Machado propõe uma reforma (uma revolução) por meio da palavra poética no jornal. Feita essa consideração, voltemos ao pensamento de Paz sobre a linguagem poética como a linguagem do mundo que faz com que enxerguemos o mundo como poema. É uma leitura audaciosa e viva: ver num mundo um grande soneto, digamos assim, no qual cada parte, cada verso, cada construção métrica, cada estrofe harmoniza-se com o todo, e certamente mostra a nossa finitude diante do universo. Por isso, recorreremos sempre à matriz de tudo: a linguagem. Pela concepção machadiana, o gênesis do pensamento: a linguagem, como já dissemos antes, não é a linguagem como nomeação, e sim como “reforma”, como renomeação das coisas.

Em consonância com o pensamento de Benedito Nunes, compreendemos a palavra poética como modo de apresentar uma verdade e concretizá-la por meio da própria matéria, a palavra. Logo, “A poesia é o modo essencial de instauração da verdade e do seu acontecimento historial na linguagem e com a matéria da linguagem” (NUNES, 2012, p. 253). Sob essa ótica, Octavio Paz entende a linguagem numa dimensão tão grandiosa que acaba por amiudar as posições escritor – leitor. Em seu dizer:

um verdadeiro autor de um poema não é o poeta nem o leitor, mas a linguagem. Não quero dizer que a linguagem suprima a realidade do poeta e do leitor, mas sim que as compreende, engloba: o poeta e o leitor são apenas dois momentos existenciais da linguagem. Se é verdade que ambos se servem da linguagem para falar, também é verdade que a linguagem fala através deles. A ideia do mundo como um texto e movimento desemboca no desaparecimento do texto único; a ideia do poeta como um tradutor ou decifrador leva ao desaparecimento do autor (PAZ, 2013, p. 80).

Assim, Paz propõe uma dialética da linguagem, na qual autor e leitor representam “momentos existenciais da linguagem”, que se utilizam da linguagem para falar, ao passo que a própria linguagem fala através dessas duas posições. Por conseguinte, compreender um mundo como um texto aniquila a ideia de um texto único, assim também “o poeta como tradutor” elimina o autor, pois esse não instaura um inédito texto, mas decifra-o do grande poema que é o mundo. Desse modo, Machado traduz a ideia de linguagem poética como um modo de estar no mundo e alimenta-se dela para viver, embebida de “reforma” e transformação do mundo.

Nosso cronista, ainda, discorre acerca das disparidades entre as classes e acredita na inteligência dos proletários. À luz *Das ideias fora do lugar* (2013), do crítico Roberto Schwarz, podemos estabelecer um diálogo da importação de ideias europeias que não coincidem com o contexto brasileiro, que, no caso do texto de Schwarz, refere-se principalmente à escravidão. Semelhante à relação da escravatura, que contrasta com o discurso de liberdade, o jornal também é uma ideia fora do lugar para a sociedade da época, visto que, para o cronista, é um meio de promover “reforma”, mas está preso à imprensa, aos valores capitalistas, à delimitação espaço-temporal da crônica da semana, e ainda assim, antagonicamente, é libertador, pelo ponto de vista da palavra poética que carrega e chega à população.

Nessa esteira, outra crônica machadiana, que dialoga com a abordagem metapoética de “A reforma pelo jornal”, é “O jornal e o livro”. Essa também foi publicada no ano de 1859, mas noutra gazeta, no *Correio Mercantil*. Trata-se de uma longa crônica, uma espécie de carta endereçada ao senhor Manuel Antonio de Almeida, autor de *Memórias de um sargento de Milícias*. Machado compara o jornal e o livro, numa mesma perspectiva da outra crônica, enaltecendo o jornal. À vista de nossa apreciação analítica, recortamos alguns excertos que corroboram com a discussão sobre a linguagem poética.

Machado toca numa questão pertinente para as discussões sobre a linguagem poética: o progresso. O cronista diz ser “a época das regenerações” (ASSIS, 1859, p. 1). Parte da Revolução Francesa como marco para os “tempos europeus” e para a humanidade no Ocidente. Daí o cronista descortina aspectos da república e da democracia, pois, “A humanidade, antes de tudo, é republicana” (idem, p. 1). Assim sendo, o jornal é um sinônimo desse progresso, exemplificado pela metáfora: “a nova cratera do vulcão” (ASSIS, 1859, p. 2).

Machado vivencia uma torrente de mudanças no país, que passa a ter bancos de depósitos, caixas econômicas, companhias de navegação a vapor, companhias de seguros, estradas de ferro, transporte, gás etc, ou seja, é um grande bum no modo de viver em sociedade, agora pela dinâmica da dita civilização, conforme aponta o historiador Astrojildo Pereira, em “Instinto e consciência de nacionalidade” (1982). Como Machado, cético e desabusado tal qual Luciano, concebia o dito progresso? Quais os sintomas desse progresso para a linguagem poética? Como vimos anteriormente, a palavra burla as grades que a cerceia, pulando-as, para então libertar o homem da prisão do progresso e devolver-lhe o pão para o espírito, que é a própria palavra. E isso é contraditório, pois a palavra leve e difusa defendida pelo cronista, chega aos proletários por meio do jornal: fruto da civilização e do progresso. Eis a revolução da palavra!

Numa mesma direção, Adorno apreende o espírito lírico como libertador para o ser enjaulado pelo progresso. Desse modo, ele enuncia que

A idiosincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação de mercadorias sobre homens que se difundiu desde o começo da idade moderna e que desde a revolução industrial se desdobrou em poder dominante da vida (ADORNO, 1983, p. 195).

A crônica aponta também a relação entre linguagem e pensamento; lembrando que o pensamento é linguagem: “é na linguagem que se dá a relação de pertença do homem ao ser” (NUNES, 2012, p. 257). Sem a linguagem somos meros filhos da natureza, a partir dela pertencemos ao ser, tornamo-nos ser. Sobre esse caráter de devolução das coisas ao seu estado, é válido trazer o conceito de estranhamento, cunhado pelos formalistas russos. Ancoramo-nos no pensamento do crítico Chklovski, que compreende a linguagem literária como estranhamento, assim, a palavra é disposta para estranhar o leitor, fazendo-o perceber que a palavra já não é mero signo da comunicação cotidiana, mas é um meio de fazer ver as coisas a partir de si mesma. Nas palavras do estudioso:

E eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que é já “passado” não importa para a arte (CHKLOVSKI, 1917, p. 45).

Logo, a sensação de vida é devolvida por meio da arte, e essa faz com que vejamos a pedra tal qual ela é. Na perspectiva clássica, a arte é o meio de promover o reconhecimento. Já para os formalistas russos, não se trata de reconhecer, e sim de um “procedimento de singularização”. Trocando em miúdos: significa devolver as coisas ao seu lugar original por meio da arte, e isso só é possível se a linguagem parecer estranha para o leitor; se essa não for tal qual a língua do dia a dia. Para estranhar não é preciso necessariamente criar palavras novas ou recorrer aos arcaísmos, o autor é livre para fazer suas escolhas de como estranhar. Chklovski mostra que o estranhamento procede do modo como a palavra poética é disposta e como essa disposição constrói imagens. Assim, o criado como prosaico pode ser poético e o poético pode ser prosaico (CHKLOVSKI, 1917, p. 40-41). E se tratando da crônica, é o prosaico, a palavra corriqueira, enxertado pela dimensão do poético.

Portanto, nosso cronista diz que

A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a idéia. Uma pedra convenientemente levantada era o símbolo representativo de um pensamento. A geração que nascia vinha ali contemplar a idéia da geração aniquilada (ASSIS, 1859, p. 2).

Machado mostra como a humanidade desde sempre buscou representar e propagar as ideias por meio de algo, no exemplo acima, por meio da pedra, tornando-a “símbolo representativo de um pensamento”. Semelhantemente, a palavra, assim como a pedra, tem a prerrogativa de representar um pensamento, transmiti-lo a gerações futuras, ainda que não corresponda ao pensamento da geração presente que contempla o pensamento da anterior.

Não só para demonstrar um pensamento, a palavra poética, a arte existe também para tirar-nos do automatismo da vida, do progresso civilizador, para devolver as coisas ao seu lugar de origem. Para elucidarmos essa premissa da arte, voltemos à metáfora da pedra, que volta à condição originária de ser pedra por meio da arte. Vale fazer um adendo, já que Machado cita a palavra construindo analogias com o Gênesis, lembremos que, para a sociedade primitiva judaica, os juramentos eram simbolizados por pedras; essas ganhavam a dimensão de selo da palavra empenhada³.

Ainda sobre a arte, trazemos a voz do crítico e poeta Octavio Paz, que compreende a arte a partir da metáfora do espelho, em suas palavras: “Se a arte é um espelho do mundo, esse espelho é mágico: muda o mundo” (PAZ, 2013, p. 69). Logo, a arte é também um mecanismo de mudança da humanidade sobre o mundo, digamos que é uma tentativa de mudança, na qual parte de dentro. A arte primeiro muda a quem tem contato com ela, e o ser mudado tende a promover mudanças no mundo. Esse pensamento dialoga com a perspectiva machadiana de “reforma pelo jornal”, sobre a qual estamos nos debruçando.

Em seguida, Machado adentra nos tipos de arte, partindo da arquitetura para a imprensa, e essa como uma grande revolução.

A revolução foi completa. O universo sentiu um imenso abalo pelo impulso de uma dupla causa: uma idéia que caía e outra que se levantava. Com a onipotência das grandes invenções, a imprensa atraía todas as vistas e todas as inteligências convergiam para ela. Era um crepúsculo que unia a aurora e o ocaso de dois grandes sóis. Mas a aurora é a mocidade, a seiva, a esperança; devia ofuscar o sol que descambava (ASSIS, 1859, p. 3).

Machado coloca a imprensa como a grande revolução, que sucede a arquitetura, superando-a. Já que “a imprensa atraía todas as vistas e todas as inteligências convergiam para ela”. A revolução era simples, ao passo que, contraditoriamente complexa; consistia no acesso ao pensamento,

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções (ASSIS, 1859, p. 3).

O jornal é, portanto, o maior difusor de pensamentos, de linguagens, e o é, em essência, linguagem. É um instrumento perspicaz no semear democraticamente, ou seja, leva para mais pessoas as ideias, sobretudo, as novas ideias, visto que o autor defende a reforma por meio do jornal, e não do livro. Para o cronista, o jornal representa, então, uma revolução literária, social, econômica (ASSIS, 1959, p. 3).

3. A exemplo, temos a narrativa da pedra-testemunha, conforme *Josué*, capítulo 24, dos versículos 14 a 28. Conta o mito que Josué, sucessor de Moisés, propõe ao povo hebreu que escolha entre a vida e a morte; após a escolha, ele toma uma pedra-testemunha e a coloca debaixo do carvalho, para que quando a vejam, lembrem-se do voto que fizeram.

Chamamos de revolução simples, porque o jornal não promove, sozinho, mudanças significativas na sociedade, mas também de revolução complexa, porque a longo prazo pode sim corroborar com a derrocada de ideologias dominantes. Assim, a longo prazo, braços podem se erguer por causa do que foi lido no jornal, do texto poético leve e fugaz à mudança concreta. Machado chega a caricaturar o jornal como um símbolo da palavra poética para suscitar reflexões sobre o poder da palavra quando essa adentra às camadas sociais, não ficando reclusa a um grupo seletivo e elitizado. Antes de tudo, Machado reclama o acesso à palavra, para então se ter igualdade em qualquer que seja a sociedade. Não é a palavra desgastada dos falares cotidianos, mas a palavra enquanto estranhamento, como vimos anteriormente.

Para Adorno, a palavra poética é uma resposta à coisificação, uma volta à linguagem pura, ao subjetivismo; e para isso é preciso voltar-se a si mesmo como ponto de partida; o retorno e as consequências desse processo se dão e redundam por meio da linguagem. Assim,

Para que o sujeito, aqui, contraponha-se verdadeiramente em solidão, à coisificação, ele nem sequer deve tentar mais recolher-se ao próprio como à sua propriedade; os vestígios de um individualismo que nesse meio tempo já se entregou à tutela do mercado, no subjetivismo da crônica de jornal, repelem: é preciso que o sujeito saia de si, através do calar-se. É preciso que ele faça de si como que o recipiente para a ideia de uma linguagem pura (ADORNO, 1983, p. 207).

Paradoxalmente, pela abordagem machadiana, a palavra que nos refugia do progresso chega a nós por meio do próprio progresso, já que estamos falando da palavra que chega por meio do jornal. Para Machado: “Uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência. Ora, isto não é evidentemente um progresso? (ASSIS, 1859, p. 4). O cronista contrapõe o jornal ao livro e defende o jornal como o acesso mais democrático à palavra poética. Lembremos que essa crônica é de 1859; atualmente, as mídias sociais são mais democráticas que o jornal. Contudo, não sejamos ingênuos, nem todos têm acesso a tais ferramentas. Curiosamente, o cronista faz a autocrítica, à medida que valoriza o jornal acima dos demais suportes textuais, questiona se o talento não estaria preso ao jornal, dada à condição de progresso civilizador e das demandas de produção numa sociedade capitalista. Assim, autoquestiona-se se não está vendo o jornal de modo utópico. “O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização. Tudo se liberta; só o talento ficaria servo? Não faltará quem lance o nome de utopista” (ASSIS, 1859, p. 5).

Machado adentra noutras questões imbricadas ao modo de vida urbano civilizado, analisando a indústria e o comércio como “fonte da riqueza dos povos” (ASSIS, 1859, p. 5). O autor não está defendendo o modo como a sociedade tem se organizado, mas busca compreender como o jornal está dentro desse sistema político-econômico, como se vê abaixo.

O jornal, operando uma lenta revolução no globo, desenvolve esta indústria monetária, que é a confiança, a riqueza e os melhoramentos. O crédito tem também a sua parte no jornalismo, onde se discutem todas as questões, todos os problemas da época, debaixo da ação da idéia sempre nova, sempre palpitante. O desenvolvimento do crédito quer o desenvolvimento do jornalismo, porque o jornalismo não é senão um grande banco intelectual, grande monetização da idéia, como diz um escritor moderno (ASSIS, 1989, p. 5).

Assim sendo, o jornal está sob a égide da “ideia sempre nova” para monetizá-la, vendê-la. Não se tem por objetivo introduzir as novas ideias para promover uma reforma, este é o objetivo do autor: contribuir para promover uma reforma por meio da palavra poética imbuída no jornal; mas não o é do sistema da imprensa. A nova ideia só adentra o jornal se for vendável, caso não a seja, deve-se abortá-la. Com isso, o autor elucida como economia, sociedade e literatura se entremeiam.

Todavia, Machado mostra-se com muita esperança na palavra, pois “a poesia revela a essência humana – a concreta finitude do homem como ser-no-mundo” (NUNES, 2012, p. 255). Nossa finitude aponta para nossas preocupações materiais e de sobrevivência, afinal de contas, estamos e vivemos num mundo material, concreto, e a palavra poética resgata e desvela no mais profundo de nós mesmos a nossa condição humana como “ser-no-mundo”.

Considerações finais

Sob a lente machadiana, podemos suscitar discussões sobre filosofia e linguagem. Embora Machado beba do pessimismo de Schopenhauer, parece bastante esperançoso quanto ao poder da palavra poética veiculada pelo jornal. É certo que ele traz a mordacidade da ironia quanto ao progresso, que contraditoriamente dinamiza a palavra e a faz chegar ao proletário. A palavra poética pula o cerco do progresso civilizador e alimenta o espírito do burguês e do trabalhador.

Crete na reforma pelo jornal, Machado defende ser possível injetar novas ideias no jornal e ensiná-las ao povo, fazendo com que haja mudanças significativas na vida em sociedade. Parece um tanto utópico, e o escritor reconhece isso, mas se trata na verdade de um trabalho de formiguinha, no qual vai alimentando os espíritos com a hóstia que é a palavra. Machado une o humor ao gênero crônica para fazer a defesa da linguagem poética no jornal, que, para ele, é mais democrático do que o livro.

Ao mostrar a importância da palavra poética como modo de vivermos no mundo e de transformá-lo, Machado chega a considerá-la uma “Malévola faculdade”, ou seja, uma capacidade humana que pode ser danosa. O cronista menciona algumas “bocas eloquentes” para exemplificar o uso da palavra em diferentes fins. Com isso, Machado não apenas convence-nos do poder da palavra, sem abracadabras, sem magia, mas um poder que reside na renomeação das coisas e do mundo, na reforma que difere da palavra no Gênesis. Pela perspectiva da reforma, a palavra está sempre a instaurar novas verdades e a desfazer antigas, a construir, a dar

novas nomeações. Pode ser danosa, se usada para se auto beneficiar em detrimento de menosprezar outros, porém sempre é possível fazer novas nomeações, reformar pelo intermédio dela mesma, a palavra. Eis que a malévola faculdade é o maior bem da humanidade: é o que faz a humanidade ser-no-mundo.

Referências

ADORNO, Theodor W. Lírica e sociedade. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

ASSIS, Machado de. A reforma pelo jornal. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

_____. O jornal e o livro. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

_____. *Obra completa em quatro volumes*, volume 1. Organização editorial Aluizio Leite et al. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do Romance*. 5. Ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRANDÃO, Jacyntho Lins Brandão. A Grécia de Machado de Assis. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 351-374.

_____. *A poética do Hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BRAYNER, Sonia. Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional. In: BOSI, Alfredo (Org.) et al. *Machado de Assis: antologia & estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira Toledo (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Trad. A. M. R. Filipouski, M. A. Pereira, R. G. Zilberman, A. C. Hohlfeldt. Porto Alegre: Globo, [1917] 1976, p. 39-56.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. Machado de Assis e a filosofia. In: *Revista Travessia*, Florianópolis, n 19, 1989. ISSN 0101-9570. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17324/15894>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ROUANET, Sergio Paulo. *Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÁ REGO, Enylton José de. *O Calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 193 p. Coleção “Imagens do Tempo”.

LUCIANO. Séc II. *Diálogo dos mortos: versão bilíngue grego/português*. Tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

SCHWARZ, Roberto. *As idéias fora do lugar*. São Paulo: Estudos Cebrap, 1973.